

FLS 6101 - Teoria e Metodologia em Ciência Política

□ Curso de pós-graduação em Ciência Política □

(VERSÃO PRELIMINAR)

Professor Responsável: Adrian Gurza Lavalle

Justificativa

No contexto das ciências sociais, e especificamente quando comparada à sociologia, a ciência política apresenta duas feições distintivas relevantes para os propósitos desta disciplina, a saber, sua emergência e consolidação são mais tardias e seu objeto □ a política e suas instituições □ goza de pleno reconhecimento desde a filosofia e historiografia clássicas. Enquanto a sociologia e antropologia emergem no século XIX empenhadas na tarefa de construir seu objeto □ “o social”, a alteridade □ e conquistar-lhes estatuto cognitivo, a ciência política se diferencia disciplinarmente no século XX graças ao esforço de construção de um olhar propriamente político para estudar um conjunto de fenômenos com estatuto consolidado. Assim, a formação básica na leitura dos clássicos da sociologia e da antropologia está indissociavelmente ligada a um percurso de reflexão epistemológica sobre a construção do seu objeto □ como em Durkheim, Marx, Weber, Mauss ou Malinowski. Percurso semelhante não é óbvio nem comum na formação dos estudantes que optam por se especializar em nível de pós-graduação na ciência política. Este programa visa a cobrir essa lacuna.

I. Objetivo Geral do Curso

O objetivo geral do curso é familiarizar o aluno com os pressupostos cognitivos da ciência política ao modo de uma epistemologia disciplinar que permita ao aluno *desenvolver uma relação reflexiva com a própria disciplina e com as escolhas possíveis dentro do repertório de perspectivas analíticas que a compõem*. As problemáticas a serem abordadas são comuns às ciências sociais, mas seu tratamento será — sempre que possível — estritamente disciplinar. Os pressupostos cognitivos da ciência política serão explicitados e problematizados centrando a atenção em três grandes eixos: i) a identidade disciplinar, bem como as diferenças e especificidades da filosofia, teoria e ciência políticas em termos da constituição de problemas e das exigências internas que regem a construção de proposições

em cada caso; ii) a história e as modalidades de elaboração do tempo e sua estilização mediante estruturas causais específicas, quer dizer, a relação entre temporalidade e causalidade na disciplina; e iii) por fim, as diferentes respostas disciplinares à questão clássica do primado da agência ou da estrutura, e os modelos disponíveis que optam pela integração. Filosofia política, teorias políticas normativas e positivas, bem como seus desdobramentos em programas de pesquisa empírica, compartilham esses problemas epistemológicos □ por vezes atrelados a componentes ontológicos, como no caso do binômio agências/estrutura □, mas lidam com eles de modo diferente. Por sua vez, também as diferentes vertentes analíticas que têm contribuído a desenvolver a disciplina divergem, em maior ou menor grau, quanto às respostas consideradas mais adequadas perante tais problemas. Em suma, entender os problemas e o repertório de respostas possíveis dentro da disciplina define a idéia de *reflexividade* nos limites deste programa.

Uma vez explicitado o objetivo do curso, cumpre especificar aquilo que a disciplina de “Teoria e Metodologia em Ciência Política” *não é*. Primeiro, não se trata de um curso de filosofia da ciência ou de teoria do conhecimento, e, nesse sentido, evitará qualquer tratamento sistemático de temas caros a ambos os campos como: o estatuto do conhecimento científico, teorias da verdade, modelos de transformação e acumulação (ou perda) do conhecimento, critérios de validação e generalização de proposições, critérios de demarcação, e a “lógica da descoberta” (ou do erro). A disciplina tampouco visa a cobrir o conteúdo de um curso de metodologia: os repertórios e especificidades das abordagens qualitativas e quantitativas, bem como suas possíveis inter-relações e complementaridades, ou o desenho de pesquisas. Quando abordadas, questões oriundas da filosofia da ciência ou da metodologia desempenharão papel subsidiário. Entretanto, há expertise em ambos os terrenos à disposição do aluno na grade docente e nas disciplinas ministradas nos Departamentos de Filosofia e Ciência Política da Faculdade, respectivamente. É claro que se espera fomentar uma posição reflexiva do pós-graduando não apenas em relação à disciplina, mas em relação a seu projeto de pesquisa. Porém, os eventuais efeitos deverão ocorrer antes no plano dos pressupostos cognitivos do que no terreno do desenho da pesquisa.

Segundo, o programa tampouco objetiva cumprir a função de uma introdução geral à ciência política. Na medida em que configuram o núcleo tradicional das vertentes analíticas da disciplina, a filosofia política, as teorias políticas histórica e normativa, o behaviorismo, a

escolha racional e o institucionalismo serão englobados como pano de fundo constante das principais questões a serem abordadas (balanços mais abrangentes da disciplina, por certo, tendem a incorporar feminismo, pós-modernismo e outros componentes não raro próprios da composição anglo-saxônica do campo). Também a respeito desse núcleo tradicional há ampla expertise no Departamento e abordagens atualizadas e aprofundadas têm lugar nas disciplinas oferecidas regularmente na pósgraduação em Ciência Política.

II. Dinâmica e Avaliação do Curso

A disciplina está voltada para a reflexão de problemas e combina exposição de conteúdos a cargo do professor com discussões informadas pelos textos analisados ao longo do semestre. O programa de leituras foi propositalmente composto para, sempre que possível, evitar posições autorais únicas, privilegiando a diversidade de respostas possíveis perante uma mesma questão. Por outras palavras, não é um curso centrado em autores, mas em questões. Assim, na maioria das vezes as aulas contemplam quatro ou cinco posições (textos).

A reflexão e participação discentes são indispensáveis para o bom andamento da disciplina e receberão peso na avaliação. Existe uma carga aproximada de leitura *obrigatória* de 100 a 130 páginas por aula. As leituras complementares permitem enriquecer a compreensão da questão em foco, bem como diversificar as posições possíveis diante dos problemas analisados. O programa indica, para cada aula, as leituras obrigatórias e complementares.

Cada aula os alunos deverão escrever, em no máximo *uma página (limite máximo de até 620 palavras, uma página cheia “sem truques de formatação”)* a questão mais relevante que sintetiza sua leitura dos textos correspondentes, bem como formular suas principais dúvidas ou críticas. A página deverá ser enviada até no máximo *48 hrs.* antes da aula ao professor, quem ordenará o conteúdo da exposição a partir da recepção dos textos e do grau de domínio do problemas por parte dos alunos. As páginas ou reações semanais receberão peso cinco na avaliação final. O professor pode recusar páginas em que a ausência de leitura seja evidente (R=0). Se aceitas, as reações poderão consideradas como mínima (MS=0,33), parcial (PS=0,66) ou totalmente satisfatórias (TS=1), recebendo, segundo o caso, um terço, dois terços ou três terços do peso da reação correspondente na média final. A avaliação final

considerara apenas 10 (dez) reações para a configuração da média. A avaliação também será composta da formulação de um trabalho (peso cinco) em que os alunos deverão refletir sobre seu próprio projeto de pesquisa à luz dos problemas analisados ao longo do semestre. Os termos do trabalho serão estabelecidos oportunamente, na décima aula, e haverá tempo de aula especificamente reservado para a discussão dos seus projetos.

III. Programa e Roteiro de Leituras

Todas as leituras estão disponíveis na pasta da disciplina na Xerox. Aquelas marcadas com “@” também estão disponíveis no site da disciplina no yahoo-groups, ordenadas conforme o mesmo sistema de classificação do programa. Ademais, alguns capítulos de livros contam com resenhas úteis para localizar o debate e a importância do livro em questão. Entre <<<.....>>> são acrescentadas informações específicas sobre a disponibilidade dos textos, formato e de eventuais resenhas.

Introdução

1a aula. Apresentação do programa e introdução às questões a serem abordadas

2a aula. O Estado da Disciplina Alhures e Aqui

Obrigatórias

- a. Katzelson, Ira e Milner, Helen V. “American Political Science: The Disciplines State and the State of the Discipline”. In _____ & _____ (Eds). *Political Science: State of the Discipline*. Norton and Company /American Political Science Association, 2002, pp.1-26. <<<@; três arquivos PDF c/10 páginas cada>>>
- b. Shapiro, Ian. “Problems, methods, and theories in the study of politics, or: what’s wrong with political science and what to do about it”. *Political Theory*, Vol. 30, No. 4, What Is Political Theory? Special Issue: Thirtieth Anniversary, 2002, pp. 596-619. <<<@>>>
- c. Schmitter, Philippe C. “Seven (Disputable) Theses Concerning the Future of ‘Transatlanticised’ or ‘Globalised’ Political Science”. Mimeo, 2005, pp. 1-25. <<<@>>>

- d. Lamounier, Bolívar. "A Ciência Política no Brasil: roteiro para um balanço crítico" em _____ (org.), *A Ciência Política nos anos 80*, Brasília, Editora da UnB.

Complementares

Altman, David. "From Fukuoka to Santiago: Institutionalization of Political Science in Latin America". *Political Science & Politics* 39, Cambridge University Press, 2006, pp. 196-203. <<<link html; @ PDF com dois textos; pasta com gráficos/tabelas em GIF>>>

Almeida Maria Hermínia Tavares de. "Ciência política no Brasil. Avanços e desafios". In: Carlos Benedito Martins (org.). *Para onde vai a pós-graduação em ciências sociais no Brasil*. São Paulo, CAPES / EDUSC/ ANPOCS, 2005, pp. 105-121.

Lamounier, Bolívar. "Redemocratização e Estudo das Instituições Políticas no Brasil." em Sérgio Miceli (org.) *Temas e Problemas da Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Sumaré/Fapesp; Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1992.

Soares, Gláucio Ary Dillon. "O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil". In: Carlos Benedito Martins (org.). *Para onde vai a pós-graduação em ciências sociais no Brasil*. São Paulo, CAPES / EDUSC/ ANPOCS, 2005, pp. 73-104. <<<@ pdf de doc>>>

Primeira Parte Filosofia, Teorias e Ciência

3a aula. Filosofia, Teoria e Ciência Políticas

Obrigatórias

- a. Sartori, Giovanni. "Philosophy, Theory and Science of Politics". *Political Theory*, vol.2. 1974, pp. 133-162. <<<@>>>
- b. Warren , Mark E. "What Is Political Theory/Philosophy?" . *Political Science and Politics*, Vol. 22, No. 3. 1989, pp. 606-612<<<@>>>
- c. Brown , Wendy. "At the Edge". *Political Theory*, Vol. 30, No. 4, What Is Political Theory? Special Issue: Thirtieth Anniversary, 2002, pp. 556-576. <<<@>>>
- d. Grant, Ruth. Grant. "Political Theory, Political Science, and Politics". *Political Theory*, Vol. 30, No. 4, What Is Political Theory? Special Issue: Thirtieth Anniversary, 2002, pp. 577-595. <<<@>>>

- e. Vincent Andrew. *The Nature of Political Theory*. Grã Bretanha, Oxford University Press, 2004. pp 19-51: “We have firm foundations”. <<<@ in .doc [preliminary version]; Review: Bell, Gunell, Horton, Leslie; Book notes>>>

Complementares

Althusser, Louis. *Curso de Filosofia para Científicos*. Barcelona, Fontamara / Laia, 1975, pp. 5-27: “Advertencia” e “Curso 1”.

Vincent Andrew. “Introduction”. In _____, *Political Theory — Tradition & Diversity*. Cambridge University Press, 1997. pp. 1-27.

Gunnell, John G. Interpretation and the History of Political Theory: Apology and Epistemology. *The American Political Science Review*, Vol. 76, No. 2. 1982, pp. 317-327. <<<@>>>

Ball, Terence . Political Theory and Conceptual Change”. In Vincent Andrew. *Political Theory — Tradition & Diversity*. Cambridge University Press, 1997. pp. 28-44

Skinner, Quentin. Some Problems in the Analysis of Political Thought and Action. *Political Theory*, Vol. 2, No. 3, 1974, pp. 277-303. <<<@>>>

4a aula. Teoria Positiva e Teoria Normativa (I)

Obrigatórias

- a. Bucler, Steve. “Normative Theory”. In David Marsh and Gerry Stoker (eds.). *Theory and Methods in political science (Political Analysis)*. London, 2nd edition, Palgrave / McMillan, 2002, pp. 172-197.
- b. Glaser Daryl. “Normative Theory”. In David Marsh and Gerry Stoker (eds.). *Theory and Methods in political science*. London, 1st edition, Macmillan Press, 1995, pp. 21-41.
- c. Ball, Terence. “Aonde vai a teoria política?”. *Revista de Sociologia e Política*, no.23 Curitiba Nov. 2004, pp. 9-22 <<@; Scielo>>
- e. Donald Clark Hodges. “On the Normative Significance of Political Science”. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 25, No. 3. 1965, pp. 416-418.<< @>>
- f. Vincent Andrew. *The Nature of Political Theory*. Grã Bretanha, Oxford University Press, 2004. pp 51-74: “We have fir foundations”. <<<@ n .doc [preliminary version];>>>

Complementares

Barry, Brian. "The Strange Death of Political Philosophy". *Government and Opposition*, No. 15 (3-4), 1980, pp. 276–288. (Também publicado como capítulo no volume do próprio autor *Democracy and power — Essays in political theory*. Oxford : Clarendon, 1991). <<<@; Review: Jonathan Wolff>>>

Parekh, Bhikhu. "Political Theory: Traditions in Political Philosophy". In Robert E. Goodin e Hans-Dieter Klingemann (eds). *A New Handbook of Political Science*. New York, Oxford University Press, 1996, pp.503-518. <<<@ de .doc>>>

Almond, Gabriel with Stephen Genco. "Clouds, clocks, and the study of politics," *World Politics*, 29(4), 1977, 489-522.< <<@>>>

Cohen. G. A.. "Facts and Principles". In: Christinao, Thomas, and Christman John. *Contemporary debates in political philosophy*. Manlden, MA, Wiley-Blackwell, 2009, pp.22-40.

5a aula Teoria Positiva e Teoria Normativa (II)

Obrigatórias

- a. Popper, Karl R. *La lógica de la investigación científica*. México, Rei, 1991. Capítulos 1 y 4: "Panorama de algunos problemas fundamentales", "La falsación". <<<Review: Samuel Gluck>>>
- b. Stinchcombe, Arthur L. *Constructing Social Theories*. Chicago, Chicago University Press, 1987, pp 3-56: Capítulos 1 e 2. <<<Review: Talcott Parsons, Nett, Armor, Frohlich; Replay: Stinchombe>>>
- c. Collier, David, Hidalgo, Fernando Daniel, and Maciuceanu, Andra Olivia. "Essentially contested concepts: Debates and applications. *Journal of Political Ideologies* (October 2006), 11(3), 211–246. <<<@>>>

Complementares

Elster, Jon. *Nuts and bolts for the social sciences*. Cambridge New York : Cambridge University Press, 1990, c1989.

Austen-Smith, David e Banks, Jeffrey S. "Social Choice Theory, Game Theory, and Positive Political Theory". *Annual. Review. Political Science*, 1998, pp 259–87. <<<@>>>

Segunda Parte Temporalidade e Causalidade

6a aula. Modos de Explicação e estruturas de Causalidade

Obrigatórias

- a. Elster Jon. *Explaining Technical Change: A Case Study in the Philosophy of Science (Studies in Rationality and Social Change)*. New York: Cambridge, 1983.
Introdução à primeira parte e Capítulos 1-3. <<<Review: Arthur Stinchcombe, George Homans, Steven Walt, MacKenzie, Carlson, Avi Cohen, Calestous, Frederick Schlick>>>
- b. Stinchcombe, Arthur L. *Constructing Social Theories*. Chicago, Chicago University Press, 1987, pp 57-129: capítulo 3, seções II, III.

Complementares

Elster, Jon. "Marxismo, Funcionalismo e Teoria dos Jogos". *Lua Nova*, 17, 1989, pp. 163-204.

7a aula. Dinâmica Causal, Estruturas de Temporalidade e Historicidade

Obrigatórias

- a. Pierson, Paul. "Big, slow-moving, and ... invisible: macro-social processes in the study of comparative politics". In D. Rueschemeyer, and J. Mahoney. *Comparative Historical Analysis in the Social Sciences*. Cambridge University Press, 2003. pp. 177-207. <<<@, .doc>>>
- b. Mahoney, James, Nominal, Ordinal, and Narrative Appraisal in Macrocausal Analysis. *The American Journal of Sociology*, Vol. 104, No. 4. (Jan., 1999), pp. 1154-1196. <<<@>>>
- c. Zemelman, Hugo. *Los horizontes de la razón. I. Apropiación del presente*. Barcelona, Anthropos/ Colmex, 1992, pp. 145-182: "Capítulo 4. "El papel de la teoría".
- d. Mahoney, James. Toward a Unified Theory of Causality. *Comparative Political Studies* Volume 41 Number 4/5. April/May 2008 412-436. <<<@>>>

Complementares

Mahoney, James. “Strategies of causal assessment in Comparative Historical Analysis” In _____ e Dietrich Rueschemeyer (Editor). *Comparative Historical Analysis in the Social Sciences*. Cambridge Studies in Comparative Politics, 2003, pp 337-372.

8a aula. Mecanismos e Mediação entre Causas e Tempo

Obrigatórias

- a. Pierson, Paul. *Politics in Time: History, Institutions, and Social Analysis*. New Jersey, Princeton University Press, 2004, pp. 1-78. <<<Andrew Rutten, Kevin Bruynel, Mark Considine, Richard Bense>>>
- b. Mahoney, James. Path Dependence in Historical Sociology. *Theory and Society*, Vol. 29, No. 4. (Aug., 2000), pp. 507-548. <<<@>>>
- c. Sorensen , B. Aoage. “Theoretical mechanisms and empirical study of social processes” In Hedström, Peter e Swedber Richard (eds.). *Social Mechanisms: An Analytical Approach to Social Theory (Studies in Rationality and Social Change)*. Cambridge University Press, 1998, pp 238-265. <<<Review: James Mahoney, Dahms, SukYoung, Johnson, Rule, Mogy, Henk Flap, Chwe; Book notes>>>
- e. Mayntz, Renate. “Mechanisms in the Analysis of Social Macro-Phenomena”. *Philosophy of the Social Sciences*, Vol. 34, No. 2, 2004, pp. 237-259. <<< @>>>

Complementares

- Social mechanisms: An introductory essay”. In Hedström, Peter e Swedber Richard (eds.). *Social Mechanisms: An Analytical Approach to Social Theory (Studies in Rationality and Social Change)*. Cambridge University Press, 1998, pp 1-32. <<<Review: **Mahoney, anônima, Dahms, Suk-Young, Johnson, Rule>>>
- Elster, Jon. “A plea of mechanisms”. In Hedström, Peter e Swedber Richard (eds.). *Social Mechanisms: An Analytical Approach to Social Theory (Studies in Rationality and Social Change)*. Cambridge University Press, 1998, pp 45-75. <<<@ in .doc com indicações da paginação na versão publicada>>>

Agência e Estrutura

9a aula. Agência e Estrutura (I): o Dualismo [[Projetos I]]

Obrigatórias

- a. Mcnulla, Stuart. “Structure and Agency”. In David Marsh and Gerry Stoker (eds.). *Theory and Methods in political science (Political Analysis)*. London, 2nd edition, Palgrave / McMillan, 2002, pp. 271-291.
- b. Hay, Colin. “Structure and Agency”. In David Marsh and Gerry Stoker (eds.). *Theory and Methods in political science*. London, 1st edition, Macmillan Press, 1995, pp. 189-206.
- c. Emirbayer, Mustafa; Mische, Ann. “What Is Agency?”. *The American Journal of Sociology*, Vol. 103, No. 4, 1998, pp. 962-1023. <<<@>>>
- d. Fuchs, Stephan. “Beyond Agency”. *Sociological Theory*, Vol. 19, No. 1, 2001, pp. 244-260. <<<@>>>

[[Discussão dos projetos de pesquisa I]]

Complementares

Anthony Giddens. “Estruturalismo, pós-estruturalismo e produção da cultura”. In Anthony Giddens. *Teoria social hoje*. São Paulo, UNESP, 1999, pp 281-320.

10a aula. Discussão dos projetos de pesquisa e do encaminhamento do trabalho final II

11a aula. Agência e estrutura (II): individualismo(s) metodológico(s)

Obrigatórias

- a. Udehn, Lars. “The Changing Face of Methodological Individualism”. *Annu. Rev. Sociol.* 2002. 28:479–507. <<<@>>>

- b. Agassi, Joseph. Agassi, Joseph. “Methodological Individualism – Institutional individualism”. *The British Journal of Sociology*, Vol. 11, No. 3, Sep., 1960, pp. 244-270. @
- c. Simon, Herbert. “Human Nature in Politics: The Dialogue of Psychology with Political Science”. *The American Political Science Review*, Vol. 79, No. 2, Jun., 1985, pp. 293-304. <<<@>>>
- d. Lukes, Steven. “Methodological Individualism Reconsidered”. *The British Journal of Sociology*, Vol. 19, No. 2. 1968, pp. 119-129. <<<@>>>
- e. Munch, Richard. “From Pure Methodological Individualism to Poor Sociological Utilitarianism: A Critique of an Avoidable Alliance”. *Canadian Journal of Sociology / Cahiers canadiens de sociologie*, Vol. 8, No. 1, Winter, 1983, pp. 45-77. <<<@>>>

Complementares

- Jacobs, Struan. “Popper, Weber and the Rationalist Approach to Social Explanation”. *The British Journal of Sociology*, Vol. 41, No. 4. (Dec., 1990), pp. 559-570. <<<@>>>
- Agassi, Joseph. “Institutional Individualism”. *The British Journal of Sociology*, Vol. 26, No. 2. (Jun., 1975), pp. 144-155. <<<@>>>
- Arrow, Kenneth J. Methodological Individualism and Social Knowledge. *The American Economic Review*, Vol. 84, No. 2, 1994, pp. 1-9. <<<@>>>

12a aula. Agência e Estrutura (III): instituições e macro e micro

Obrigatórias

- a. Tilly, Charles. “Micro, Macro, Or Megrim?”. Columbia, Columbia University, manuscript, August 1997. . <<<@>>>
- b. March, James and Olsen, Johan P. “The New Institutionalism: Organizational Factors in Political Life,” *American Political Science Review*, 78, pp. 734-759. . <<<@>>>
- c. Hay Colin, Wincott Daniel. “Structure, Agency and Historical Institutionalism”. *Political Studies*, 1998, pp. 951-957. . <<<@>>>

- d. Hall, Peter e Taylor Rosemary C. R. "The Potential of historical Institutionalism: a Response to Hay and Wincott". *Political Studies*, 1998, pp. 958-962. . <<<@>>>
- e. Marchionni, Caterina. "Explanatory Pluralism and Complementarity: From Autonomy to Integration". *Philosophy of the Social Sciences*, Volume 38 Number 3, September 2008 314-333. <<<@>>>